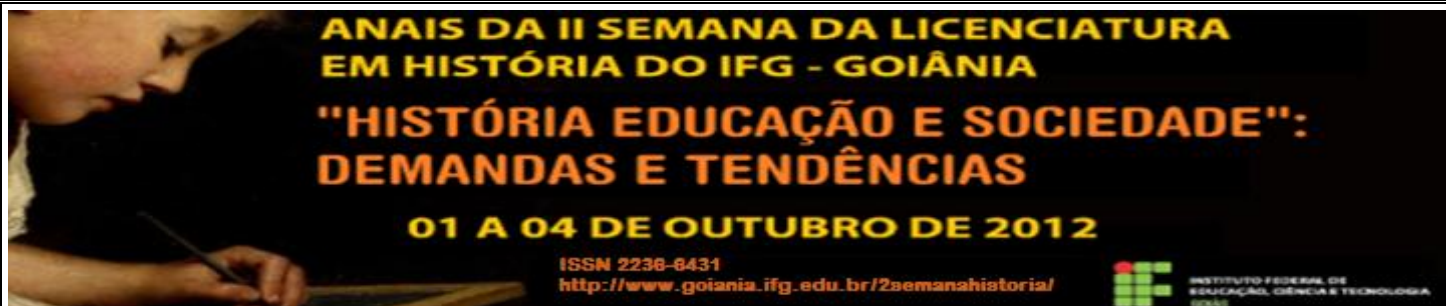


O PAPEL POLÍTICO E DIPLOMÁTICO DE D. LEONOR DE GUZMÁN NO REINADO DE AFONSO XI

Lara Fernanda Portilho dos Santos (UFG)

Este artigo visa o início de uma pesquisa sobre a vida de D. Leonor de Guzmán, e busca expor, a forma com que a fonte-documento e a historiografia retratam e contribuem para a construção da imagem da personagem, através da desconstrução da “*ótica romanesca*” do papel desempenhado enquanto concubina do monarca, retratando-a pelo viés de pertencimento a uma nobre linhagem, sua família, “*los Guzmánes*” de Sevilla. Objetivamos também, elencar a importância destes no reinado de Afonso XI, além de propor hipóteses, que exemplificam, e/ou justificam o papel exercido nos âmbitos político e diplomático por ela. D. Leonor de Guzmán (1310-1351) era filha de Pedro Nuñez de Guzmán e Juana Ponce de León, nascida em Sevilha, que se tornou uma notória personagem do contexto Ibérico do século XIV, este marcado por conflitos políticos e sociais entre Castela e Portugal. Esta notoriedade deve-se, principalmente, a sua participação em assuntos referentes aos aspectos políticos, sociais e econômicos do reino, a partir de sua condição de concubina do rei D. Afonso XI de Castela, com quem viveu por 23 anos, e lhe deu dez filhos; dentre eles, Henrique II, futuro rei de Castela, e fundador de uma nova dinastia, a dos Trastâmara. As *Crônicas de los reyes de Castilla* e a maior parte da historiografia referente ao assunto, afirmam que D. Leonor “*fora uma rainha de fato, frente uma rainha legítima*”¹, e evidenciam o descaso com a legítima esposa, D. Maria de Portugal, e o filho, o Infante D. Pedro, em favor do relacionamento extraconjugal com a nobre sevilhana, que ao contrário da rainha, contava com o favoritismo e proteção do monarca. Há o início de uma política patrimonialista para com os seus filhos bastardos, baseada em doações territoriais, títulos, riquezas, e apoio da maior parte da corte castelhana.

¹ Cit. FERNÁNDEZ, Manuel Garcia.



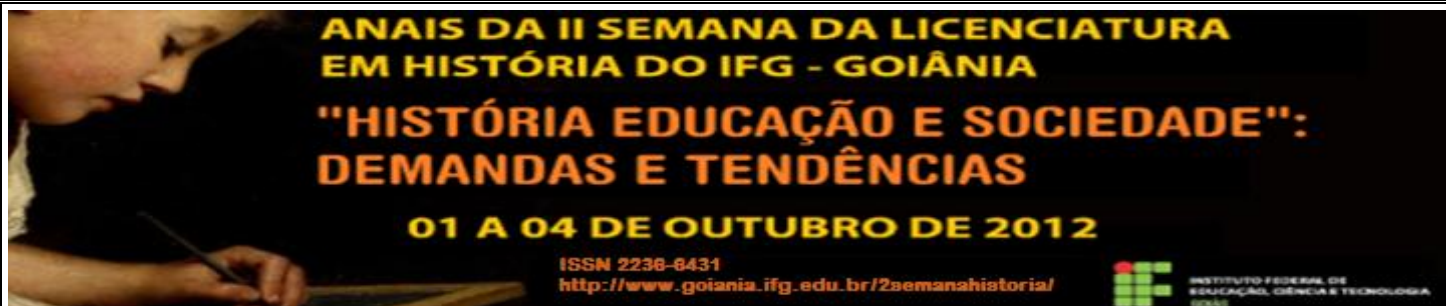
O século XIV foi marcado por conflitos e disputas internas entre a Coroa e a Nobreza de Castela²; que consistia nas tentativas da monarquia em se firmar e legitimar seu poder frente à nobreza, somado a conflitos políticos e sociais entre Castela e Portugal, grande parte atribuída ao avanço dos muçulmanos na Península Ibérica. Como medida de proteção contra o avanço muçulmano nas fronteiras, foi adotada uma política matrimonialista³, ou seja, a contração de matrimônios entre personagens régios de determinados reinos, visando à aliança política e diplomática⁴, que possibilitariam uma “união” dos reinos, e estes juntos, lutariam contra o avanço inimigo, -exemplificado no auxílio de Castela a Portugal, após a derrota sofrida no rio Salado (1340) pelos sarracenos -, e os constantes conflitos para evitar o avanço dos mouros em Granada. A medida matrimonialista, se torna um “agravante” nos conflitos entre os reinos de Portugal e Castela, frente ao romance extraconjugal de Afonso XI com uma nobre sevilhana de forma pública, com quem construiu um sólido relacionamento, do qual resultou no nascimento de dez filhos ilegítimos. Afonso XI execra sua legítima esposa, D. Maria, e seu filho legítimo D. Pedro, de seu círculo nobre, que, isolados no mosteiro sevilhano de São Clemente, convivem com a equiparação dos filhos bastardos do monarca ao Infante herdeiro, por muni-los de títulos, terras e riquezas, e, portanto, um real risco a coroa de Castela, resultando no abalo dos laços diplomáticos, e a preeminência de guerra entre os reinos [Portugal e Castela], não concluída devido à intervenção papal⁵.

²“Esta [Monarquia] combateria tenazmente por conservar o ampliar su poder frente aquélla, debilitada por todo tipo de circunstancia adversas, pero que pretendia también el fortalecimiento”. CRESPO, Esther González. “El Patrimônio Dominical de Leonor de Guzmán”.

³ No caso do recorte-histórico em questão, temos a negociação dos casamentos da Infanta D. Maria de Portugal com Afonso XI de Castela e do Infante Pedro de Portugal com D. Branca, filha do Infante Pedro de Castela que acabou casando-se com D. Constança. O Infante D. Pedro casou-se com D. Constança Manuel, filha de D. Juan Manuel de Castela, este também contra Afonso XI, devido à conflitos com Viscaya e Peñafiel. (Souza, Armênia Maria de. As Relações Diplomáticas entre Castela e Portugal e a Construção da Imagem do Rei Cristão Ibérico de Acordo com Frei Álvaro Pais (1270-1350).

⁴ “[...] O casamento era antes de tudo um pacto entre famílias [...]”. (Macedo, José Rivair. Estratégias matrimoniais).

⁵ Intervenção do Papa Bento XII, o que culminou na assinatura em Sevilha de um tratado de paz em 1339, onde acordavam os reis a proteger as fronteiras de Portugal e Castela, e o reatamento de Afonso XI e sua esposa publicamente, com ele se retratando. (Souza, Armênia Maria de. As Relações Diplomáticas entre Castela e Portugal e a Construção da Imagem do Rei Cristão Ibérico de Acordo com Frei Álvaro Pais (1270-1350).



Narram as *Crônicas de losreyes de Castilla*, que em setembro de 1329, D. Afonso encontra uma dama sevilhana, quando passa em uma campanha militar na cidade de Olvera, e que a partir deste encontro “[...] *siempretovoelcorazonpuestoenella* [...]”. Esta dama era D. Leonor de Guzmán, uma nobre sevilhana, viúva, que advinha de “*LosGuzmánes*”, família relacionada ao alto ciclo nobre, pertencente, ao que LaderoQuesada nomeou de “*núcleo de alta nobreza em Sevilha*”⁶; e ao mesmo tempo, estava relacionada à nobreza andaluza, devido o casamento de sua irmã com D. Enrique Enríquez. Donos de um vasto patrimônio territorial, e bem relacionados com as demais nobres linhagens como os Ponce de León, Aguilar, Enríquez, Coronel, Portocarrero e Córdoba, *losGuzmánes* se consolidaram em riqueza e prestígio social, que resultou na formação da casa nobre de Niebla. Em 1329, D. Afonso XI inicia um relacionamento amoroso com o D. Leonor, que em pouco tempo, se torna “*a favorita*”, termo utilizado consensualmente pela historiografia e a própria crônica⁷, que, atribuiu um “*aspecto romanesco*”, ou seja, um aspecto romântico à relação, e através desse “*amor*”, o alcanço de prestígio, consideração e riqueza [de D. Leonor], somados a articulações e manipulações, como viés de ascensão de poder para si e seus familiares.

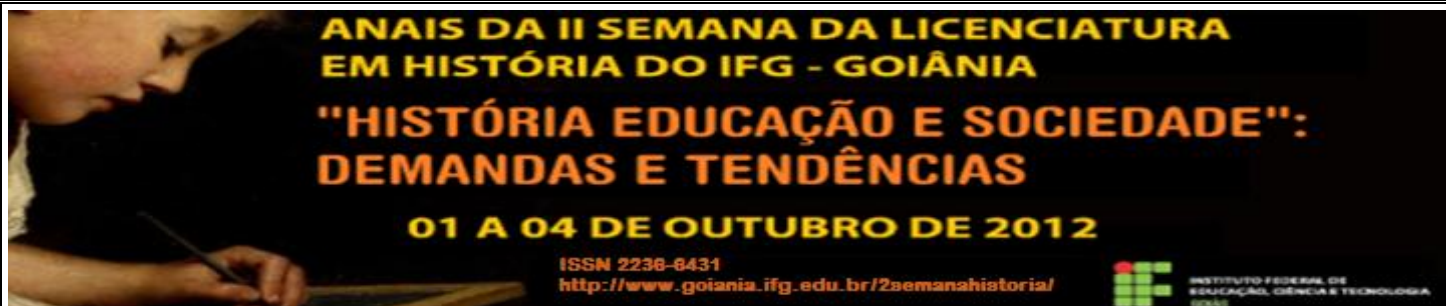
[...] Etenaqueltiempo era una dueña en Sevilla, que llamaba Doña Leonor, fija de Don Pedro Nuñez de Guzmán: et como quiera que fue seviuda, era de pocos días mas que el Rey, et ricadueña, et muy fija-dilgo, et enfermosura era la mas apuestamuger que avia en el regno: et desde outra vegada que lael Rey avia visto... *siempretovoelcorazonpuestoenella*, et siempre usára de bondad[...] Et esta dueña era bien entendida: et desquellegó à la merced del Rey, trabajóse mucho de lo servir en todas las cosas que ella entendia [...] por tal manera que el Rey la amó et la presció mucho bien...” (CRÓNICA DEL REY D. ALFONSO ONCENO, 1953).

Há a pertinência de fazer uma breve análise do conceito de “amor” no medievo, por se tratar de um juízo de valor, frequentemente utilizado no nosso cotidiano, e que no momento histórico abordado, foge à nossa interpretação sentimental do termo, mas como define Mattoso, valores como “amor” e “amigo”:

[...] Não se trata [...] propriamente de uma relação sentimental ou passional, mas de uma atitude de benevolência, de uma disposição para conceder dons e favores ou para prestar serviços, com um verdadeiro compromisso de fidelidade baseado na promessa ou no juramento. Como é evidente, o modelo

⁶ QUESADA, Miguel Ángel Ladero. Los Guzmán, señores de Sanlúcar, em siglo XIV.

⁷ “La Privanza”, termo utilizado na CRÓNICA DEL REY D. ALFONSO ONCENO.



institucional desta relação é a homenagem feudal. Não se pode esquecer este significado do vocabulário[...] (MATTOSO, 1993.)

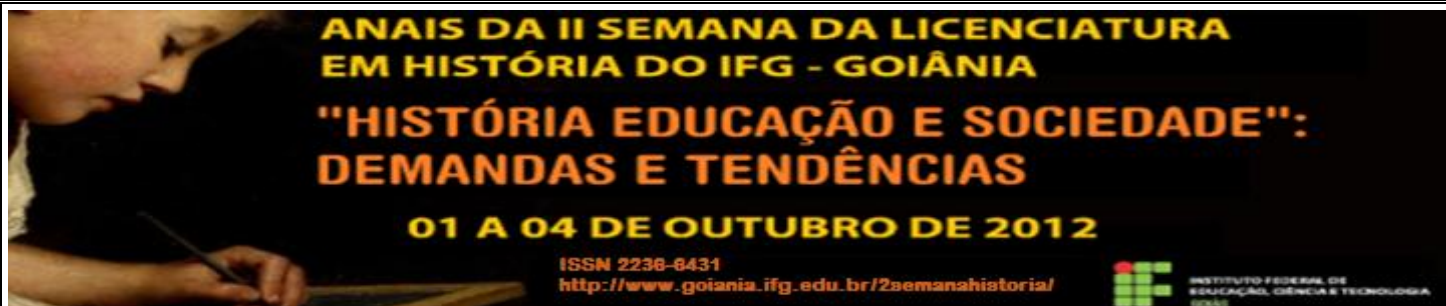
Ao comparar a citação da crônica, com a noção “benevolente” e “prestativa” do termo “amor” e seu significado no medievo, abordado por Mattoso, é exemplificado “o caráter” da relação amorosa de D. Leonor e o monarca, pautado em um modelo tipicamente medieval, onde ela [D. Leonor], se disponibiliza a serviço e por servir o rei, e este sempre lhe retribui com bondade aos favores que lhes eram prestados, “[...] *el Rey fiabamUCHO dela, ca todas las cosas que se avian á facer en el regno, pasabansabiendolo ella [...]*” (CRÓNICA DEL REY D. ALFONSO ONCENO, 1953). Tal fato, ou homenagem, é ilustrado principalmente nas “retribuições” do monarca – por meio de doações territoriais - acerca do nascimento dos filhos de sua concubina, exemplificando o modelo de “homenagem feudal” abordado em Mattoso. Cabe aqui o questionamento à forma como o tema [relacionamento entre D. Leonor e o rei Afonso XI] vem sendo abordado, sempre sob uma “ótica romantizada”. Fosse o papel que D. Leonor exerceu ao lado do monarca; ou, a conquista de seus bens e riquezas, estes quase sempre baseados em doações régias, sempre retratadas como um “mimo”, por parte do monarca à sua favorita e grande amor; seria de fato, apenas “um mimo” a sua favorita? Não caberia neste sentido, a noção de amor abordada por Mattoso? As doações régias para sua concubina, não seriam uma “retribuição” ao “serviço prestado” de lhe dar um filho? Principalmente, se considerarmos o pesar do monarca por sua esposa não ter cumprido, de imediato, a sua principal função⁸, e como citado na crônica:

[...] este Rey Don Alfonso casó con la Reyna Doña Maria fija del Rey de Portugal [...] Et porque el Rey era muy acabado hombre em todos sus fechos, tenía por muy mingado porque non avia fijos da la Reina; et por esto cató manera como oviese fijos de otra parte [...]

 (CRÓNICA DEL REY D. ALFONSO ONCENO, 1953).

Portanto, ao se relacionar com o rei, e lhe dar filhos, D. Leonor prestava-lhe um favor, e o monarca a retribuía, fazendo jus a abordagem de “compromisso de fidelidade, frente um favor” de Mattoso. Não seria, portanto, uma visão exagerada e equivocada a análise do rei, e de D. Leonor como, e somente como, amantes

⁸ “[...] Não há dúvida, entretanto, de que seu [mulher] lugar na sociedade estava condicionada à capacidade de gerar filhos [...]. RIVAIR, José Macedo. A mulher na Idade Média.

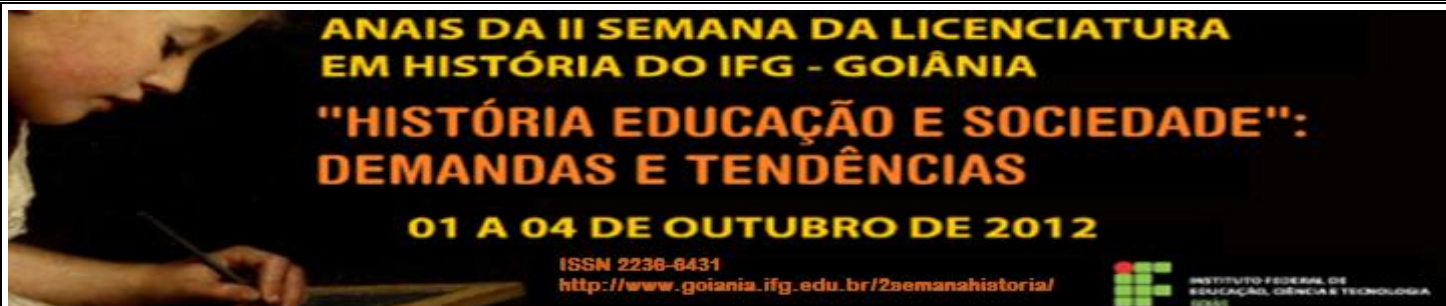


apaixonados? Não é a proposta deste artigo, negar a relação de afinidade de D. Leonor e Afonso XI um para com o outro, mas “desmistificar” a visão exageradamente romântica, pautada no esclarecimento do termo “amor” nesse momento histórico, assim como abordagem de outros meios, os quais, são essenciais no desempenho do papel de D. Leonor durante o reinado de Afonso XI, como a influência e renome de sua própria família (“*los Guzmánes*” em Sevilha), as relações de poder destes com outras importantes famílias nobres, e elencar as próprias qualidades da concubina do rei.

A análise de D. Leonor de Guzmán na historiografia se divide em um “duplo ápice” nos tipos de abordagem. Há uma crítica a historiografia do século XIX, pautada também em uma crítica, feita aos juízos de valor referentes à personagem, devido ao seu *status de concubina*, considerando-a sempre como “*aquella mala mujer*”⁹, “*la manceba*”¹⁰ e portadora: “*de malicia, de intereses personales, de manipulación y engano*” (BARBOZA E RODRÍGUEZ, 2006), qualificações estas, atribuídas a julgamentos inerentes a época de análise, que segundo a abordagem de Pérez de Tudela y Velasco, *o critério de julgamento era definido pela moral*, distinguindo então, as mulheres que “*gocen de buena fama*” e “*las malas mujeres*”. Sob o conceito de concubina, e/ou a noção e condição de concubinato, Waiman remete a personagem ao grupo marginalizado, por fugir dos “*pressupostos sociais, jurídicos e ideológicos*” do medievo. A partir do século XX, esta abordagem inteiramente negativa, veio se desfazendo ao logo da historiografia, notamos em renomados historiadores como Salvador Moxo, que, ainda que sob uma análise negativa, evidencia qualidades “*notables*” de D. Leonor, - como “*unacapacidad de maniobra*”, que resultou em uma notável influência política - e termina com a abordagem de Hilda Grassoti, que elenca qualidades como: “*omnipotente amiga*”, “*astuta favorita real*” e “*inteligência de la favorita*”. Cabe-nos questionar se, da mesma forma que a historiografia de cunho negativo do século XIX, fora criticada por julgamento pautado em juízo de valor

⁹ Apelido atribuído por seu inimigo D. Juan Manuel. BARBOZA, Marcela Correa y RODRÍGUEZ, Nora. “El “empoderamiento de las mujeres”. Los casos de Leonor de Guzmán y Mariana de Austria.

¹⁰ Dentro da análise de David Waiman, “manceba” seriam as mulheres sem meios de fortuna, advindas de serviços domésticos, que se relaciona com um homem durante um tempo de sua vida, sabendo que seria uma situação transitória, e ele, ou ambos, na maioria das vezes, não teriam dado por encerrado um compromisso matrimonial. E o “amancebamento” seria o caso mais comum e socialmente aceito de concubinato. (WAIMAN, David. “El concubinato en la Castilla bajomedieval”).

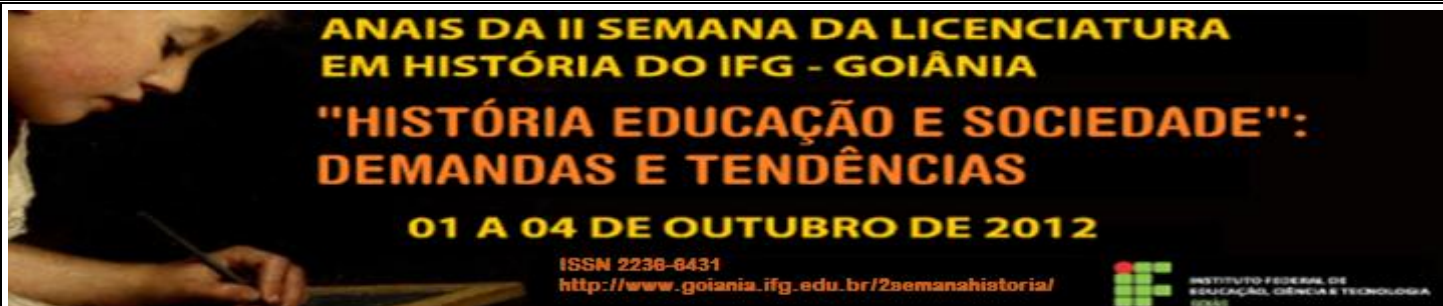


inerente a época de abordagem, se a atual historiografia, não estaria superestimando a personagem e sua relação com o monarca? E/ou, criando/influenciando, a visão “exarcebadamente” romântica de D. Leonor e Afonso XI?

Ambos os tipos de abordagem histórica do tema [a que atribui aspecto *negativo*, e a que atribui aspecto *positivo* a personagem], chegam a um denominador comum. As duas vertentes, colocam as conquistas de D. Leonor de Guzmán sempre, e somente, adquiridas através de sua relação amorosa com o monarca. Fosse por amor a sua favorita, ou interesse e manipulação [de D. Leonor] do rei, não há considerações confortáveis de suma importância, como sua origem familiar. D. Leonor de Guzmán, não era uma simples mulher sevilhana, ela advinha da alta nobreza, de um ciclo nobre, altamente fechado e mantido por relações entre as mais renomadas famílias de Castela, nas quais se destacam os Ponce de León, Aguilar, Enríquez, Coronel, Portocarrero e Córdoba. A partir de “*Los Guzmánes*”, forma-se a casa de Niebla, que segundo a bibliografia referente ao tema, foram os nobres mais importantes de toda a Andalúcia: “*cuyos titulares tuvieron en sus manos, como es sabido Estado señorial más importante de toda Andalucía*” (SÁNCHEZ, 2006); assim também, “*Los Guzmánes*” levam consigo, o consenso de serem a primeira família nobre de toda a Sevilha. Desde 1309 - momento que a família vive um aumento do poder econômico com Alfonso Pérez de Guzmán (*el Bueno*), ao se tornar herdeiro da casa em 1294 após a morte de seu irmão mais velho Juan Alonso de Guzmán, assumindo todos os bens e direitos jurídicos recebidos de D. Fernando IV¹¹ - há um esforço por parte de Guzmán (*él, Bueno*), de aproximação e manutenção das relações entre as famílias nobres de Castela, que por meio da contratação de matrimônios de seus filhos¹² com demais famílias nobres. Tal medida resultaria na formação da segunda maior casa nobre de Sevilha, os *Ponce de León* - “*establecer una fuerte red de enlaces familiares y solidaridades políticas*” (QUESADA, 2009). A filha de Alfonso, *el Bueno*, também chamada Leonor, casa-se com Luis de la Cerda, filho de Alfonso de la Cerda e neto do rei Afonso X, ligando “*los Guzmánes*” a linhagem real, dos quais, o parentesco de Leonor de Guzmán [a nossa

¹¹ QUESADA, Miguel Ángel Ladero. Los Guzmán, señores de Sanlúcar, em siglo XIV.

¹² Casou sua filha Isabel com Fernán Pérez Ponce e Juan Alonso de Guzmán com Beatriz Ponce e León. (QUESADA, Miguel Ángel Ladero. Los Guzmán, señores de Sanlúcar, em siglo XIV).



personagem em questão], se torna duplo, por ser sobrinha segunda de Alfonso, *el Bueno* e sobrinha em primeiro grau de Beatriz Ponce de León. Em outros enlaces de parentescos, “*los Guzmanes*” também tinham ligações com os senhores de Olvera, Almonte, Villalba, e La Palma¹³, além de casamentos que ligavam diretamente as famílias de Aguilar e Coronel, formando uma sólida e seleta teia de relação entre as mais importantes linhagens nobres; o “*nuclio estable de la alta nobleza de Sevilla*” de Quesada. Dentre sua importância para o reinado de Afonso XI, podemos destacar o auxílio na batalha de Salado, e a participação nos conflitos contra os “*granadinos*” e “*benimerines*”¹⁴.

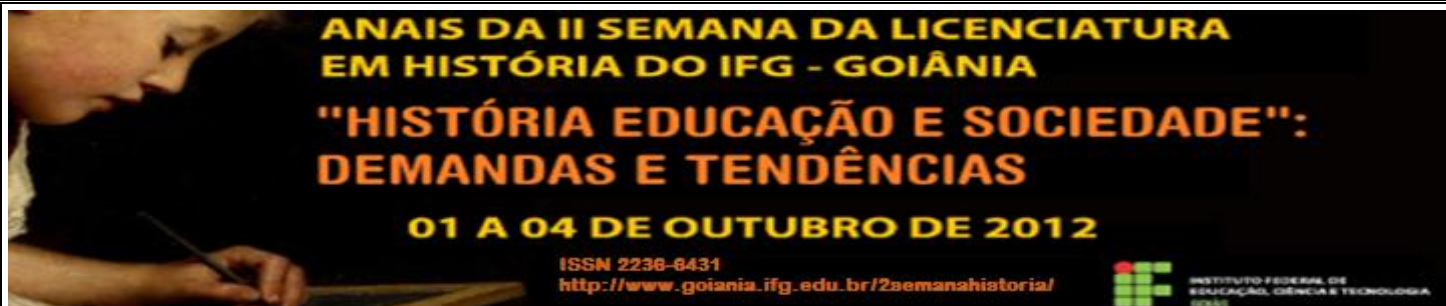
Até o momento, a historiografia expõe os bens de D. Leonor, o seu prestígio e participação ativa nas decisões do rei e do reino, como resultados de seu romance com o monarca, de articulações feitas por ela, visando à ascensão de si e de seus familiares, por inseri-los no ciclo íntimo do rei, cuja aproximação, lhe concederia maior apoio nobre, em maior influência nas decisões do reino, e respaldo de seus familiares pelo monarca nos aspectos políticos e econômicos. Reflexivamente, não seria um reducionismo, não considerar a origem nobre, e a alta influência da família? Salvador Moxo implica três fatores decisivos de um personagem advindo da nobreza: “*patrimônio/riqueza, nascimento e influência*”¹⁵. Com base nessas indicações podemos questionar: faltava a D. Leonor e sua família algum desses três fatores? Tudo o que eles conseguiram foi, de fato, através do relacionamento de sua parenta com o rei? Não é em nenhum momento a intenção deste artigo, negar as doações régias feitas a D. Leonor, sendo estas, relatadas nas próprias crônicas do rei. Bem menos negar a ascensão econômica sofrida por D. Leonor de Guzmán, provavelmente também, a partir de sua relação com o monarca, mas enfatizar a sua origem de alta-nobre, e novamente, propor uma desmistificação de sua ascensão econômica, somente pelo viés de seu relacionamento afetivo com o rei.

[...] Et se y en el Rey em Valledolit nasció Don Pedro fijo del Rey et de Doña Leonor. Et porque el Rey estaba cobdicioso de aver fijo, ovo muy grand placer

¹³ A partir de Alvar Pérez de Guzmán, filha de Maria, a herdeira de Juan de la Cerda. (QUESADA, Miguel Ángel Ladero. *Los Guzmán, señores de Sanlúcar, em siglo XIV*).

¹⁴ QUESADA, Miguel Ángel Ladero. *Los Guzmán, señores de Sanlúcar, em siglo XIV*.

¹⁵ CRESPO, Esther González. *El patrimonio dominical de Leonor De Guzmán*.



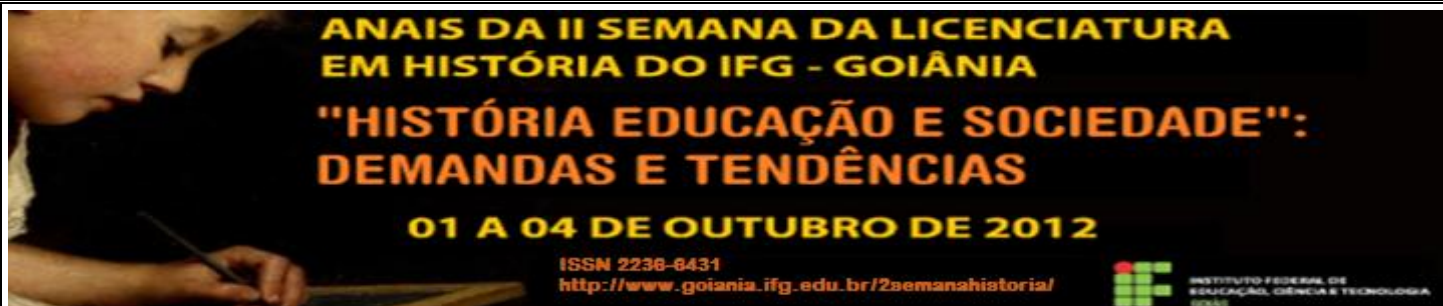
com él: et muchoscaballerosvasallosndel Rey bofordaron por lasunascencia, et hacienda, et tierra et vassalos: et heredólo em Aguilar de Campó et em Lievana, et em Pernia: et otrosíheredólo em pieza de logares em frontera de Aragon de los que avianseidodelInfate Don Pedro su tío[...]" (CRÓNICA DEL REY D. ALFONSO ONCENO, 1953)

É consenso entre os historiadores, que ela tenha sido uma amante fiel todo o tempo em que manteve o relacionamento com o rei, sempre lhe servindo da melhor forma, o acompanhando em campanhas militares, e demonstrando capacidade nos âmbitos políticos, diplomáticose econômicos. Dentre suas “notables” qualidades, destacam suas habilidades diplomáticas e inteligência, exemplificadas na influencia direta de decisões referentes a questões internas e externas do reino, por ter seus conselhos solicitados e acatados pela figura régia – que nada lhe escondia-,fazendo jus a confiança que lhe fora depositada, além da aceitação das cortes, não só castelhanas, mas estrangeiras de seu relacionamento extraconjugal com o monarca, exemplificando “*sagacidade e veia diplomática*”(SOUZA, 2008). Atuou [D. Lenor]em negociações de títulos para nobres, ortogação de cartas, fortificação de regiões fronteiriças, providência de medidas econômicas, aumento das rendas senhoriais, e a revitalização de terras inutilizadas para o cultivo[principalmente nas áreas de Huelva, Cabra, Lucena e Medina Sidonia¹⁶]. Tais ações e medidas foram facilitadas por sua condição de viúva, por não está subordinada a figura paterna ou marido; a “*mobilidade que o status viuvá lhe conferia, por não estar na condição de filha e esposa*”(SOUZA, 2008).

AFONSO XI E “LOS GUZMANES”

A coroação de Afonso XI se dá em um momento conflituoso entre os poderes da monarquia, e desejos da nobreza. Nas crônicas são evidenciadas medidas, que hipoteticamente, aproximariam as duas categorias, - como a “*retomada dos*

¹⁶ FERNÁNDEZ, Manuel García. *Doña Leonor de Guzmán y Andalucía: La repoblacióndelpatrimonio señorial.*



princípios de sacralização da cavalaria e a consagração da imagem régia frente a nobreza¹⁷”.

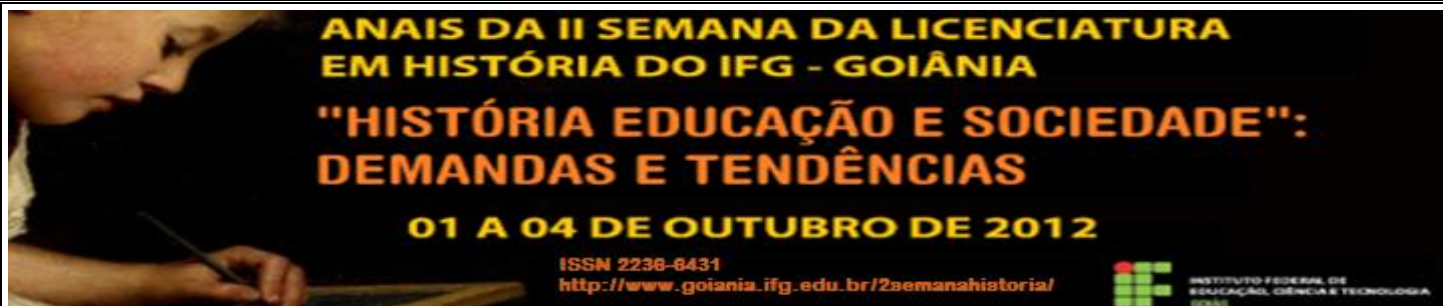
“[...] Otro día el Rey mandóvenir al sua palácio los que avian de ser caballeros, que eranestos: losRicos-omes [...] Et dixoles como tenia por bien que otro día resebiesendél honra et caballería: et antes destoles avia mandado dar los panos de oro et de seda, et otros panos, á ca uno delloslo que le convenia; et mandóles da espadas guarnidas á todos [...]” (CRÓNICA DEL REY D. ALFONSO ONCENO, 1953).

Grande partedo material consultado referente à D. Leonor de Guzmán e Afonso XI, [e como já mencionado], ela é tida como uma oportunista, que utiliza de seu relacionamento afetivo com o rei, para formar articulações que favoreceriam a si e sua família a partir da concessão de privilégios e riquezas por parte do monarca. Neste momento, objetivamos enfatizar medidas de “aproximação” da monarquia com a nobreza, assim como, a importância do apoio desta ao monarca, com ênfase especial em “*Los Guzmánes*”.

Na crônica de Afonso XI, nota-se um esforço em reunir e criar laços com a alta nobreza “*losrico-omes*” e “*losfijo-dalgos*” de Castela por meio da formação de cavaleiros. Esta medida deve-se a compreensão do rei da necessidade de “*reestruturar o Reino de Castela, começando pela nobreza [...] em busca de apoio político para sanar os conflitos no seio da “nobreza velha”*” (SOUZA, Armênia Maria de, 2008)”.

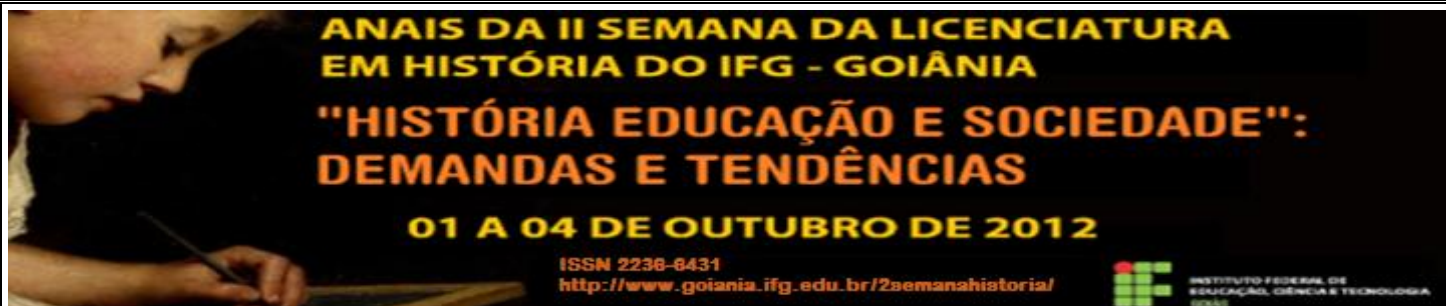
“[...]Yuntadosconel Rey en ela ciubdat de Burgos los Perlados que venieron á la honra de esta fiesta, et losRicos-omes, et Infanzones, et omesFijos dalgo de lasciubdades et villas, que avian á venir á la honra de lacoronaciondel Rey et los que avian de rescibircaballería [...] Et como eranmuchoslos que avianvenidoá laciubdat de Burgos em aquel tempo por honradelacoronacion et de aquestas caballerías, casa uno dellosovieronmuchas gentes que lesfueronfacer honra; et el Rey fizogelaen todo lo que pudo [...] Et en todos estos dias fueronmuchaslas alegrías que fecieron em laciubdat de Burgos para honra de lacoronacion et de aquestas caballerías, et por honra de todos los que em aquel tempo resebieronallí honra decaballería [...]” (CRÓNICA DEL REY D. ALFONSO ONCENO, 1953).

¹⁷ Medidas D. Afonso XI, em ações para legitimar seu poder frente à nobreza. Souza, Armênia Maria de. As Relações Diplomáticas entre Castela e Portugal e a Construção da Imagem do Rei Cristão Ibérico de Acordo com Frei Álvaro Pais (1270-1350)



Em busca de apoio para reestruturar o reino, legitimar seu governo e poder régio frente aos interesses da “velha nobreza”, D. Afonso realiza o ritual de consagração da cavalaria, fidelizando-os a ele, dentre os quais se encontram D. Alvar Perez de Guzmán e D. Alfonso Mendez de Guzmán. Partindo da necessidade de apoio político, não seria um equívoco analisar “*los Guzmánes*” como únicos beneficiados deste vínculo? A participação destes no ciclo nobiliárquico do monarca fora resultado do romance de D. Leonor com o rei?

Acredito ser de suma importância nessa etapa embrionária de uma longa pesquisa, evidenciar as relações de poder entre a nobreza e D. Afonso XI para compreender o meio de destaque de D. Leonor de Guzmán. Pensar a ascensão da família como resultados do relacionamento, muitas vezes pautado em astutas articulações da amante do rei, não considerando a origem familiar, as influências, funções, posses, e relações desta importante família na sociedade em voga, me parece ser um reducionismo. “*Los Guzmánes*” se destacaram como uma das famílias mais importantes de Sevilha. Compunham a alta nobreza, e detinham vínculos que seriam preciosos a Afonso XI nesse contexto conturbado, que o lança em busca de apoio político. Tê-los ao seu lado, lhe daria crédito com outras linhagens da alta nobreza, pois estes mantinham íntima relação com famílias de renome por meio de matrimônios e outros enlances de parentescos. Não é negada neste artigo a hipótese de possíveis concessões de privilégios a família de D. Leonor, visto que, dentro da noção de amor e fidelidade da época, conceder títulos a algum familiar, poderia ser encarado como uma troca de favores a mulher que lhe dera filhos, ainda que ilegítimos. Mas propor uma nova vertente de análise para aquisição de bens, ascensão social, política e diplomática de D. Leonor e sua família, cuja além de uma alta origem familiar, foi merecedora de confiança, soube tomar decisões e mediar situações que representavam um risco político - como quando D. João, filho do Infante D. Manuel, inimigo de D. Afonso, tenta persuadir D. Leonor a convencer o rei a anular o casamento com D. Maria de Portugal, e casar-se com ela, para que o rei de Castela se tornasse inimigo do rei de Portugal. E a crônica relata a resposta de D. Leonor de tal maneira:



“[...] etfaciendolo, que tincaba al rey de Castiellaenemigodel Rey de Portugal por esta deshonra que lefacia. Et Doña Leonor, desqueoyó esta mandaderia tomo el fecho muycuerdamente, et non quisotrabajarsedesto: caentendiólarazon como esta al Rey, nin á otroninguno por su mandado nin por suconsejo; [...]”(CRÓNICA DEL REY D. ALFONSO ONCENO, 1953).

D. Leonor não se fantasiou com uma hipotética e remota possibilidade de ascender a Coroa de Castela. Se por um lado era fora, segundo González Crespo, uma “*rachadura*” entre as relações dos reinos de Castela e Portugal, em Castela ela fora uma figura indispensável para a composição do eixo político, com representações que iam desde a mais íntima composição do ciclo nobiliárquico castelhano, a, também, execuções de medidas de suma importância nos aspectos econômicos e diplomáticos, como grande exemplo, aceitação das cortes, não só castelhanas mas, estrangeiras de seu relacionamento extraconjugal com Afonso XI de Castela. Em Castela, D. Leonor fora uma rainha de fato.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fonte:

CRÓNICA DEL REY D. ALFONSO ONCENO. In: ROSEL, Don Cayetano (org). Crónicas de losreyes de Castilla desde D. Alfonso elsabio hasta los católicos D. Fernando y D. Isabel. Madrid: Atlas, 1953. 3 v.

Referência:

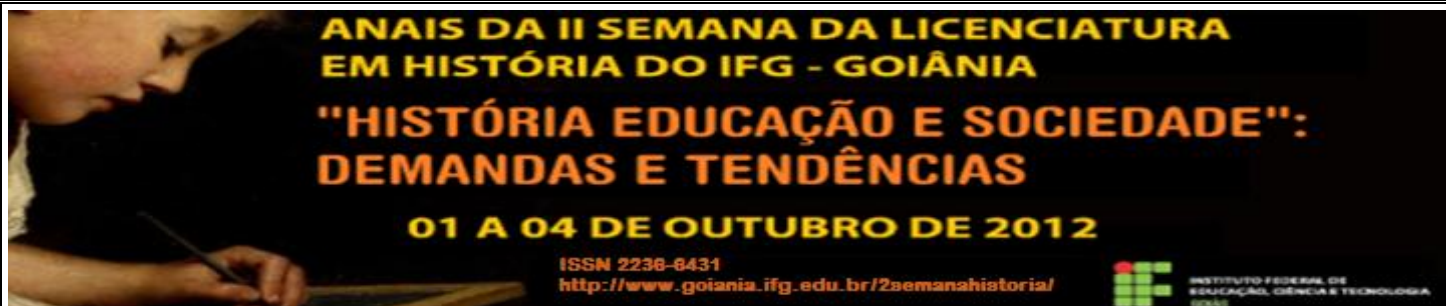
MACEDO, José Rivair. A mulher na Idade Média. Editora Contexto. 5ª Edição, São Paulo, 2002.

MATTOSO, José. Fragmentos de uma composição Medieval. Editora Estampa. 1ª Edição, Lisboa, 1987.

Artigos:

BARBOZA, Marcela Correa. RODRÍGUEZ, Nora. *El “empoderamiento de lasmujeres”*. *Los casos de Leonor de Guzmán y Mariana de Austria*. Disponível em: <<http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1669-57042006000100013>> Acesso em 04/09/2012.

CRESPO, Esther González. *El Patrimonio Dominical de Leonor de Guzmán*. Disponível



em:<<<http://revistas.ucm.es/index.php/ELEM/article/view/ELEM9191110201A>>>

Acesso em 01/09/12.

FERNÁNDEZ, Manuel García. *Doña Leonor de Guzmán y Andalucía: La repoblación del patrimonio señorial*. Disponível em:

<<<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=58294>>> Acesso em 17/09/12.

QUESADA, Miguel Ángel Ladero. *Los Guzmán, señores de Sanlúcar, en el siglo XIV*. Disponível em:<<<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3616966>>> Acesso em 10/09/12.

SÁNCHEZ, Margarita Cabrera. *La nobleza andaluza de finales de la Edad Media: Los Guzmanes de Córdoba*. Disponível em:

<<<http://helvia.uco.es/xmlui/bitstream/handle/10396/6937/01%20cabrera.pdf?sequence=1>>> Acesso em 29/09/12.

SOUZA, Armênia Maria de. *As Relações Diplomáticas entre Castela e Portugal e a Construção da Imagem do Rei Cristão Ibérico de Acordo com Frei Álvaro Pais (1270-1350)*. Disponível em:

<<[http://www.congressohistoriajatai.org/anais2010/doc%20\(9\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2010/doc%20(9).pdf)>> Acesso em 05/06/12.

SOUZA, Armênia Maria de. *Os pecados dos reis: a proposta de um modelo de conduta para os monarcas ibéricos no Estado e pranto da igreja e no Espelho dos reis do franciscano Galego D. Álvaro Pais (1270-1350)*. Disponível em:

<<http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/3804/1/2008_ArmeniaMariaSouza.pdf>> Acesso em: 12/10/2012.

WAIMAN, David. *El concubinato en la Castilla bajomedieval*. Disponível em:

<<<http://cefys.org.ar/mesas/waimandavid.doc>>> Acesso em 29/09/12.